



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de visita às obras do campus do Sul e Sudeste da Universidade Federal do Pará

Marabá-PA, 22 de fevereiro de 2006

Eu queria, primeiro, pedir desculpas aos companheiros que estão aqui na frente, porque vocês viram que em algum momento eu estava inquieto, chamando a minha assessoria. Por que eu estava inquieto? Porque quando eu cheguei aqui, nós passamos no meio de um povo que estava ali na rua. E eu pensei que o ato ia ser ali porque tanta gente estava ali, que eu falei: o ato vai ser para o povo, então vamos fazer o ato ali, para o povo. Aí depois me trouxeram para cá, eu vi um pouco de gente aqui e a maioria lá fora, gritando. Eu falei: espera aí, algo está errado. Então, eu quero pedir desculpas se algum erro foi cometido pela minha assessoria.

Eu vi lá fora garimpeiros, que nós pretendemos ajudar e, talvez, no mês que vem ou em abril, eu estarei no garimpo de Serra Pelada. Eu vi motoqueiro que está pedindo a regulamentação da sua profissão, já tem projeto no Congresso Nacional. Eu vi dona-de-casa com criança no colo tomando sol às 3h da tarde. E vi também gente que não queria ouvir, porque tem gente que veio com apito para não ouvir. São um tipo de gente que já foi derrotada aqui pelo nosso Reitor um tempo atrás e, certamente, são contra qualquer coisa que a gente faça que signifique melhora para a comunidade universitária e para o povo brasileiro.

Mas mesmo esses, quando Deus fez a gente com dois ouvidos e uma boca é para a gente ouvir vaias e aplausos. Não é para a gente ouvir só as coisas que a gente gosta. Minha mãe dizia: aquilo que a gente gosta, a gente ouve e entra na cabeça; aquilo que a gente não gosta, entra num ouvido e sai no outro ouvido e fica tudo por isso mesmo.



Então, eu quero dizer para vocês que, se houve algum engano da parte da minha gente, eu quero pedir desculpas, porque eu acho que o pessoal estava há muito tempo no sol.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que o Petta está ficando desafortado, porque o Presidente da UNE, ele... Vocês sabem de uma coisa: coçar e reivindicar é só começar, principalmente quando você é atendido na reivindicação. Eu acho isso extraordinário, porque muita gente acha que o governo e eu, particularmente, achamos ruim algumas reivindicações. Não acho. Eu nasci, na minha vida política, fazendo pauta de reivindicação, fazendo protesto. Nunca fui grosseiro com ninguém. Mas todo mundo sabe que a minha vida nasceu das lutas dos trabalhadores brasileiros, reivindicando, cobrando de governo, cobrando das pessoas. Então, eu jamais vou achar ruim que alguém reivindique alguma coisa para mim. Eu só pretendo ser honesto com eles como eu sou com meus filhos. Quando meu filho quer uma coisa que eu não posso dar, ao invés de ficar enganando: não, espera, a semana que vem, o mês que vem, eu prefiro dizer: não tem, não dá para dar, vamos esperar o momento. É melhor ser franco.

Eu estou dizendo isso porque eu vi aqui o reclamo do Prefeito, e com razão, reivindicando coisas para a sua cidade. Mas é importante lembrar, Prefeito, que era quase proibido criar escola técnica neste país, porque o governo passado criou uma lei em que só era possível criar escola técnica se fosse administrada pela prefeitura ou pelos estados. Como os estados não tinham dinheiro, nem as prefeituras, não tinha escola técnica. Nós, agora, revogamos a lei e estamos fazendo 32 escolas técnicas, das quais 25 nós vamos inaugurar até junho deste ano. Além do Proep, que estava praticamente paralisado na maioria dos estados brasileiros, com um problema seriíssimo, com o BID praticamente ameaçando não colocar mais dinheiro, e nós assumimos a responsabilidade de quase 270 escolas de formação profissional. Então, eu acho que nós estamos vivendo um momento no Brasil em que a



gente não tem que ter preocupação com as reivindicações do povo, porque este Brasil está vivendo um momento excepcional.

A democracia no Brasil está se consolidando de tal forma, as instituições estão tão sólidas que as reivindicações só fazem crescer a sustentabilidade que uma democracia precisa para que ela se transforme numa democracia forte, uma democracia respeitada.

Muitas vezes, eu fico chateado quando eu não vejo lealdade na relação humana, eu fico chateado. Eu quero dizer para vocês que a coisa mais triste que um governante, e não eu, pode viver, é ele saber que nas obras para as quais ele deu dinheiro para fazer, sequer é citado o nome dele na maioria das cidades e na maioria dos estados brasileiros. Então, é o pior dos mundos, porque quando a coisa está boa, “fui eu que fiz.” Eu aprendi na minha vida com chefe de fábrica. Eu durante muito tempo trabalhei e tinha muito chefe me olhando. Era um peão trabalhando e três em cima, olhando trabalhar. Bem, mas eu não me preocupava. Agora, quando saía uma peça boa, o chefe batia no peito e falava para o outro chefe: “nós fizemos a peça boa”. Quando, por azar, a gente estava cansado e estragava uma peça, ele dizia: “ele estragou a peça, não fomos nós, foi ele só”.

Então, eu queria dizer uma coisa para vocês. O nosso governo pode ser acusado de qualquer coisa, menos do nosso comportamento republicano no tratamento dos entes federativos, independentemente de a que partido pertença um prefeito, um deputado, um vereador e um governador. Eu não pergunto para que time as pessoas torcem, não pergunto que religião elas freqüentam, não pergunto de que partido elas são. Até porque, quando eu faço uma coisa para uma cidade ou para um estado, eu não estou pensando no prefeito ou no governador, eu estou pensando é se o povo vai se beneficiar com aquela medida que nós estamos fazendo.

E eu queria dizer uma coisa, aqui. O governo federal passa para o estado do Pará 5 bilhões, passou o ano passado 5 bilhões e 547 milhões. Só em programas sociais nós passamos, na transferência voluntária aos estados e



municípios, 288 milhões, isso em 2004, não está computado 2005. Nós passamos para aplicações em investimentos (inaudível) do governo federal, 902 milhões; para o Programa de Transferência de Renda, 706 milhões; em repasse do FNDE para estados e municípios, em 2004, 676 milhões, fora o dinheiro constitucional que nós somos obrigados a mandar para os estados.

Só no estado de São Paulo, que é o mais rico da Federação, nós gastamos em programas sociais, em São Paulo, 2 bilhões de reais por ano. Neste país, governo não tinha o hábito de cuidar de pobre, não tinha o hábito de tratar o pobre com nenhum programa. Eu vou deixar isso claro porque eu, de vez em quando, recebo notícias, de vez em quando eu recebo matérias de jornais, de pessoas dizendo coisas que não são verdadeiras a respeito do governo federal. Então, é importante que a gente diga isso.

Eu vou dar um dado para vocês só do programa Bolsa Família. O programa Bolsa Família atende no estado do Pará 341 mil famílias. Nós passamos, só para cuidar das famílias que vivem abaixo da linha da pobreza nesse estado, 282 milhões de reais, passamos o ano passado. Portanto, eu quero dizer que nenhum governo, nenhum prefeito recebe menos ou mais por ser do PT ou por não ser do PT. As pessoas recebem pelo grau de população que tem a sua cidade e pelas necessidades.

A segunda coisa que eu acho importante, vocês sabem que nós criamos o programa Luz para Todos. Este é um programa gerado pela ministra Dilma Rousseff, gerado, aquilo saiu das entranhas dela, porque era uma paixão. Agora, eu chego na maioria dos estados e o Programa tem outro nome. Eu chego nos estados, muitos governadores não deram um centavo ainda e o Programa é deles, nem citam o governo federal. E aqui neste estado, só de pessoas atendidas já foram 158 mil pessoas, com praticamente 32 mil ligações, e nós queremos chegar aos 12 milhões de brasileiros que vivem nas trevas, até 2008. E nós estamos colocando a grande maioria do dinheiro.

Esses dias eu cheguei num estado, nós colocamos 184 milhões, o cidadão colocou 14 e é dele o Programa! Em outros estados ele muda de



nome: não é o Luz para Todos, é o nome dele! Esses dias teve uma festa, num estado aí, do programa São José, ou seja, é o programa Luz para Todos, com o nosso dinheiro!

Então, não é só na intelectualidade que tem plágio, na literatura, nos livros, nas músicas, não, na política também tem. As pessoas se apoderam. Então, eu acho, companheiros, eu queria dizer isso porque eu fico muito chateado porque eu duvido que vocês tenham ouvido da minha boca, nesses três anos de Presidência, eu fazer uma crítica a algum governante de qualquer estado ou mesmo dos meus adversários. Não faço, porque o papel do presidente da República é tão importante que ele não pode ser pequeno, ficar batendo boca com qualquer outra pessoa neste país.

Mas veja, no ProJovem, eu vou dar um exemplo. O ProJovem é um programa que nós criamos para atender às crianças da periferia de 18 a 24 anos que tinham desistido da escola e que não trabalham. É um programa que está sendo hoje coordenado junto à secretaria da Presidência da República e que nós vamos juntar tudo isso no MEC ou em qualquer outro Ministério. Pois bem, nós demos para Belém nove mil vagas. É só para capitais, para jovens da periferia. Nós demos nove mil vagas para Belém; demos 35 mil para o Rio de Janeiro; 356 mil para São Paulo; 10 mil não para sei para onde. Pois bem, eu estou sabendo aqui, agora, que só foram matriculados em Belém 1.750. Mas tem nove mil vagas disponibilizadas. E nós pagamos ainda 120 reais para cada jovem que sair da periferia, voltar a estudar, e nós pagamos um salário. Pagamos uma renda de 120 reais para ele voltar a estudar. Eu não entendo porque não estão completos aqui os nove mil. O ideal era que os prefeitos tivessem pedindo mais, querendo mais, exigindo mais e não tem. Eu não entendo. Tem cidade que nós demos 30 mil vagas, até agora só tem 12, como se não tivesse jovem sem formação, como se não tivesse jovem desempregado. É o que mais tem no Brasil.

Então, eu acho que nós vamos andando para consolidar uma relação, eu diria, mais honesta, mais leal entre nós, porque nenhum prefeito pode



atender melhor um bairro do que outro, porque um bairro tem mais eleitor dele ou não. Nenhum governador pode atender uma cidade melhor do que outra e nenhum presidente da República pode ficar escolhendo a quem fazer as coisas. Eu fui eleito para atender a 180 milhões de brasileiros e eu não quero saber se é corintiano, são paulino, palmeirense, flamenguista, se torce para o Paysandu, se torce para o Remo. Agora, eu estou “assim” com o Paysandu porque o Corinthians contratou o Moura, do Paysandu, e está jogando bem lá em São Paulo.

Então, eu queria dizer isso aqui porque eu vou dar um dado para vocês do Pronaf, aqui no Pará. O Pronaf, aqui no Pará, na safra 2001/2002 tinha 2.590 contratos; na safra 2004/2005 pulou para 39 mil contratos; na safra deste ano, 2005/2006, pulou para 82 mil. Vejam, saímos de 2.500 contratos na safra de 2002 e pulamos para 84 mil contratos na safra de 2006. Nós passávamos, o governo federal daquela época, passava para o Pronaf, meu querido companheiro sindicalista, aqui, nós passávamos naquela época 15 milhões para o estado do Pará, hoje são 455 milhões de reais. Um crescimento de apenas 2.780%. E sabem por quê? Porque o Pronaf era uma coisa para o Sul do país. Quando o governo federal anunciava tantos bilhões para o Pronaf, Rio Grande do Sul e Santa Catarina ficavam com 80%, que era onde tinha mais organização. O Banco do Brasil tinha desaprendido, os gerentes do Banco do Brasil não sabiam mais atender pobre, era melhor atender um só com um charutão na boca pedindo muito, do que atender muitos de sandália havaiana pedindo pouco.

Então, nós precisamos de um processo de educação do gerente do Banco do Brasil, gente boa, mas que estava desorientado. A ordem não era atender pobre, a ordem não era atender pequeno. E isso foi um trabalho. E hoje, graças a Deus o Pronaf está nacionalizado. Você vai no Acre, você vai na Paraíba, você vai em Roraima, você vai no Amapá, você percebe que triplicou, quadruplicou ou quintuplicou o número de pequenos produtores que estão tendo acesso ao dinheiro do Pronaf. E isso não é nenhum favor. É apenas



obrigação de fazer justiça a quem quer tomar dinheiro emprestado do Banco do Brasil. Portanto, esta é uma coisa que eu acho importante dizer para vocês.

Aqui em Marabá também dobrou bastante, gente. Aqui em Marabá nós tínhamos, do Pronaf, apenas 71 contratos. Na safra de 2004/2005 já pulou para 1.520. Eu não tenho a safra 2005/2006 em Marabá, mas se dobrou, se saiu de 71 para 1.520, deve ter hoje aí uns quatro ou cinco mil contratos do Pronaf. Mais do que justo, porque este estado aqui é um estado de extensão territorial muito grande, de gente muito batalhadora, de gente trabalhadora. Então, é justo que o Pronaf venha para cá e traga dinheiro.

Bem, só de habitação a União passou para este estado 173 milhões de reais. Então, eu não vou dizer, não vou ficar dizendo números aqui porque o prefeito de Marabá sabe que tem dinheiro do governo federal aqui, e bastante. Eu só queria que as pessoas colocassem uma placa bem grande com o nome deles e colocassem pelo menos um adesivozinho do governo federal. Só isso. Eu já ficaria satisfeito. Mas me esconder, me negar, eu fico chateado, confesso a vocês que eu fico chateado.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é o seguinte: eu não cumprimentei ninguém porque a nominata normalmente é tão grande que se eu for falar o nome de todo mundo, todo mundo aqui vai se achar no direito de ser candidato a vereador na próxima eleição, porque já se acha popular depois que a gente citar os nomes aqui.

Mas eu queria fazer uma alusão especial ao nosso Alex Fiúza de Mello, reitor da Universidade Federal do Pará. Gostaria de fazer, porque sabem o que acontece gente, neste país, para fazer as coisas tem que se ter coragem. Nós temos uma tendência a não gostar de reforma. Tudo que é novo na nossa vida a gente tem medo, por isso que esquerda e direita têm medo de reforma, porque tudo que é novidade as pessoas se assustam, e é normal que se assustem. Mas vejam, eu fui à China, eu cheguei na China e a coisa mais importante era a ligação entre a universidade pública e as empresas da China, transformando o seu conhecimento teórico em produtos que poderiam ser



industrializados, gerar riqueza para aquela empresa e uma contrapartida para a universidade. Isso é a coisa mais fantástica que eu vi. E eu voltei para o Brasil convencido de que a gente tem que fazer isso, afinal de contas, nós não podemos ficar a vida inteira produzindo teorias, guardando numa gaveta, e não tentar fazer aquilo gerar riquezas para um país. Eu acho extraordinário isso. E esta parceria da Vale do Rio Doce com a Universidade Federal do Pará é uma coisa genial. Quero dar os parabéns à coragem de vocês e ao que vocês estão fazendo aqui.

E tem gente que fala: “ah, mas vai produzir mão-de-obra para a Vale do Rio Doce”! É lógico que se você tem um pólo como este aqui de mineração, extraordinário, você não vai ficar produzindo só nutricionista aqui, você vai ter que produzir coisas que atendam às necessidades da população, mas também que atendam ao mercado de trabalho, às novas opções do mercado de trabalho. O que adianta a gente fazer hoje escola de ensino médio se a gente for ensinar qualquer profissão e não ensinar computação? O cidadão vai sair analfabeto do ensino médio. Então, hoje, a multifuncionalidade profissional neste país exige que o cidadão seja eclético, ele tem que saber fazer muitas coisas ao mesmo tempo. Então, eu quero dar os parabéns.

Se alguém criticar você, meu caro Alex, diga o seguinte: não critique a mim, critique o presidente Lula que concorda comigo e que gosta da idéia. E digo isso, Alex, porque tem gente que pensa que eu tenho orgulho de não ter diploma universitário. Não tenho. Também não tenho frustração, já passou a idade da frustração. Aos 60 anos, ficar frustrado já é demais também. Mas eu gostaria de ter feito um curso superior. Não pude fazer no momento certo, mas eu não quero que nenhum jovem chegue aos 60 anos, como eu cheguei, sem um diploma. Eu quero que todos tenham acesso a um diploma universitário. Um diploma universitário nada mais é do que a qualificação da nossa juventude, sabe, é a formação profissional, nós estamos qualificando as pessoas para o mercado de trabalho. Eu sei o que é uma pessoa que não tem profissão procurar emprego. Você chega numa fábrica procurando emprego



sem profissão e as pessoas falam: “não tem vaga”. Às vezes a gente espera das seis da manhã às duas da tarde e eles nem pedem a carteira profissional da gente. Agora, quando você tem uma profissão, não. O cidadão olha a carteira e fala: “espera aí, esse aqui tem profissão, aguarde um pouco”. Mesmo não admitindo, vai fazer uma fichazinha e vai dizer: “espera aí, tem um Robinho aí, tem um Cacá aí que está na reserva agora, mas vamos deixar a ficha dele, porque daqui a pouco a gente vai chamar”. E ele tem mais facilidade de emprego. É isso que eu quero para o meu país, é isso que eu quero para os meus filhos e é isso que eu quero para os filhos de 180 milhões de brasileiros. É dar a eles a igualdade de oportunidades neste país.

Lógico que a gente não pode fazer tudo com a rapidez que gente gostaria de fazer. Mas eu fico pensando assim: muitas vezes, se a gente não tomar cuidado, quando as pessoas conseguem chegar a uma mesa, fazer o seu prato e ter feijão, arroz, carne e ainda uma salada de cebolinha, se for como eu, gostar de um ovinho frito, a pessoa começa a esquecer que tem outros sem comer ali do lado. E um governante, toda vez que ele se sentar à mesa, ele tem que lembrar como é que está o outro que não está na mesa com ele. Tem gente melhor, mas tem gente pior.

Então, a universidade brasileira, o ensino técnico, é a possibilidade que nós temos de colocar o Brasil com vantagens comparativas com nossos concorrentes diretos no mercado globalizado, é a chance que nós temos. Até porque vocês sabem que não tem estado, nem cidade, nem povo que se desenvolva pela ignorância, não tem. Só vai se desenvolver se tiver acesso ao conhecimento, e o conhecimento não tem milagre. Eu posso dizer: mas tem autodidata, mas autodidata é um no meio de um milhão. E às vezes é preciso saber se é autodidata mesmo. Às vezes as pessoas pensam que são, e não são autodidas. Agora, se a gente quiser dar conhecimento mesmo, não tem outro jeito: é acreditar e investir numa coisa chamada escola de qualidade, do fundamental à universidade brasileira. Está aqui o companheiro Tarso Genro, que foi ministro da Educação, e está o Fernando Haddad. Nas reuniões que



vão discutir dinheiro da educação eu digo sempre: aqui é proibido utilizar a palavra gasto em educação. Salário de professor não é gasto, criação de escola não é gasto, criação de faculdade não é gasto, criação de escola técnica não é gasto, é investimento. Investimento que traz retorno imediato para o país. Gasto vai ser o dia em que eu não investir na educação e depois tiver que investir na construção de uma cela para segurar um jovem que não teve oportunidade de estudar. Aí é gasto.

É por isso que nós estamos fazendo uma pequena revolução na educação. São, ao todo, 42 extensões; são quatro universidades federais novas; são faculdades que estão sendo transformadas em universidades; são 32 escolas técnicas, que inauguraremos agora, esta semana, porque também o Fernando Haddad aprendeu a reivindicar. Ele sabe que é bom reivindicar. Então, vira e mexe ele pede uma audiência comigo: “Presidente, eu fiz uma agendazinha com o senhor.” E como ele não é “macaco velho” na relação comigo, de 30 anos, como o Tarso... o Tarso me pedia, ficava na porta me esperando e a gente conversava. O Fernando é mais jeitoso, pede. Aí chegou lá para mim e falou: “Presidente, tem um negócio aqui, como é que chama lá, o Proep, que foi inventado, “não sei das quantas”, mas que cortaram o dinheiro e tem 18 que as comunidades não podem tocar.” Aí ele falou assim para mim: “Presidente, isso aqui para a gente assumir, para federalizar, custa 40 milhões. Presidente, com 40 milhões, o senhor precisa convencer o Palocci, Presidente.” Porque eu gosto do papel dele de reivindicar, mas também gosto do papel do Palocci, de negar. Porque aí eu fico como uma espécie de caminho do meio, o ponto de equilíbrio entre os dois, porque senão um nega demais e outro reivindica demais, desbalanceia.

Então, eu falei para ele: meu querido, vamos fazer o seguinte, eu não vou nem falar com o Palocci. Da verba da Presidência da República, nós tiramos 20 milhões e tiramos 20 milhões da verba do Palocci e nós vamos fazer, transformar os 18 Proeps em escolas técnicas federais para a gente não ficar brigando por pouca coisa neste país. É assim que eu penso a educação,



possivelmente porque eu não tenha chegado à universidade. Eu tenho medo... alguns que passaram e foram governo e foram fazer pós-graduação “não sei onde” esqueceram que os outros precisam ter chance, ter oportunidade.

Bom, os cientistas aqui sabem o que nós estamos fazendo em Ciência e Tecnologia. Nós tínhamos nos proposto a formar dez mil doutores nos quatro anos, já formamos 10.500 doutores em 36 meses. Ainda falta um ano e vamos formar muito mais doutores. Nunca se escreveu tanto sobre pesquisa como agora, nunca houve tanto investimento em inovação tecnológica como agora. Por quê? Porque ou nós entramos nessa, ou nós fazemos isso, ou daqui a pouco a gente é passado por outros países.

Quando nós criamos o programa PC Conectado, demorou um ano, e foi o César Alvarez que coordenou, mas a nossa idéia é colocar mais de um milhão de computadores financiados – para pagar 50, 60 reais por mês – na mão da gente pobre deste país para que eles tenham oportunidade. Nós temos lojas... estão tão felizes porque teve loja que vendeu 47 computadores por dia, para a gente pagar 69 reais a prestação, 60. E computador de qualidade, não é o chamado computador popular, porque no Brasil tem uma mania de: “vamos fazer as coisas populares.” As coisas populares, podem ver que são de segunda. E peão, é como dizia Joãozinho Trinta, quem gosta de luxo (inaudível), pobre gosta é de ter coisa boa, não tem mais porque não pode. Aliás, foi Joãozinho Trinta que disse isso no carnaval de 78.

Então eu quero, meus companheiros e companheiras, dizer para vocês que eu termino o meu dia feliz, termino o meu dia alegre. Já fizemos toda a peregrinação que disse o companheiro Petta. Vocês imaginem, neste país, presidente da República andar junto com o presidente da UNE? Nem o recebia. A UNE não foi recebida durante 23 anos de regime militar, eu não sei se foi recebida nos seis anos depois, eu não sei se foi recebida pelo Collor, depois eu não sei se foi recebida... Pelo Itamar eu sei que foi recebida. Mas depois também não foi mais recebida. Aliás, neste país não se reunia com reitor. Sabe com o que eu fiquei surpreso? Quando eu fiz a primeira reunião com todos os



reitores, me disseram: “Presidente, nós não mordemos, é a primeira vez que um presidente da República tem a coragem de se reunir com todos os reitores e ouvir dos reitores as reivindicações”. E é por isso que nós mandamos um projeto de reforma universitária. Na quinta-feira, se Deus quiser, fechamos todas as pendengas e vai o projeto de reforma universitária – que não é feito pelo governo, é importante dizer, que não é feito pelo governo, é feito pela sociedade – para ser votado no Congresso e dar autonomia para a universidade. E todo mundo sabe que autonomia significa mais responsabilidade, autonomia não é moleza, autonomia significa que quando tiver uma greve de 100 dias... Só fazem greve de 100 dias porque não se desconta o dia, se descontar não agüentam dez. Agora, é fácil ficar 100 dias de greve porque aí não é greve, são férias. Eu fico de greve, chega no final e recebo pagamento? Não.

Eu fui peão, fiz as maiores greves deste país, eu nunca fui ao estádio da Vila Euclides pedir dias parados. Eu dizia para a peãozada: greve é guerra, nós temos a nossa força de trabalho para poder negar ao patrão, para ele nos atender. Ele tem alguns direitos para executar sobre nós para a gente ceder. Agora, não. Esses dias, não sei quantos dias de greve... mas todo mês vai lá receber o pagamento. Isso é greve? Isso são férias, não é greve.

Então, quando tiver autonomia, meu caro, vai ser da responsabilidade dos reitores marcar quem está indo trabalhar e quem não está indo trabalhar, porque depois os estudantes perdem três meses. Dizer que a gente vai, em nove meses, ensinar o que tinha que ensinar no ano é balela. Dizer que a gente vai repor depois... Vamos ser francos. É a gente brincando de enganar uns aos outros e o país não comporta isso. Quanto mais sérios nós formos, quanto mais responsáveis nós formos, mais chance este país tem de se desenvolver, de dar um salto de qualidade e de virar uma Nação desenvolvida.

Por isso, meu caro Alex, eu saio daqui prazerosamente satisfeito, sei da sua coragem durante a greve, sei da sua coragem durante a reforma universitária, sei da sua coragem na reunião com as empresas estatais e eu



quero dizer para você o seguinte: todo mundo pensa que pode ser líder, mas líder é aquele que tem coragem de dizer não. Começar uma greve é a coisa mais fácil, é subir num caminhão de som e xingar a mãe de alguém, a mãe do governador, do prefeito, do presidente, a mãe do reitor, e está começada a greve. Agora, pare ela. Tenha coragem de ir numa assembléia falar: vamos parar com a greve. Não é todo mundo que tem coragem não. Tem covarde que prefere deixar a greve acabar por inanição. Quando não tem mais ninguém na assembléia, que ele fala apenas com os ouvidos moucos dele próprio, ele fala: acabou. Mas acabou porque acabou.

Eu acho que o Brasil está vivendo um momento excepcional. Se a gente não assumir a responsabilidade, porque a tarefa não é só do presidente, não é só do prefeito, do governador, do reitor, dos professores, a tarefa é de todos nós de definir que tipo de país nós queremos para nós, para os nossos filhos.

Então, meu querido Alex, obrigado. Obrigado ao povo de Marabá por me proporcionar este dia gratificante. Eu vou terminar lendo uma carta para mostrar como é que as coisas acontecem, às vezes, sem a gente saber quem é culpado, mas eu vou ler uma carta aqui. Eu pedi para a família entrar ali para conversar comigo, eu vou ler a carta para você ver que nós já poderíamos ter resolvido isso. A carta diz o seguinte:

“Senhor Presidente, meu nome – eu não sei se é Icina, Lívia – “estou lhe escrevendo para lhe pedir uma ajuda. Tenho 11 anos, tenho pai e mãe e três irmãos. Meu pai está desempregado, minha mãe sofre de inflamação nos ossos, por isso não pode trabalhar. Meu irmão de dois anos está muito doente da boquinha, a boca do meu irmãozinho está quase podre, não sabemos o que é, já consultamos duas vezes, mas não dá jeito.

Senhor Presidente, moramos de aluguel. A dona já pediu a casa porque não temos dinheiro para pagá-la. Fico muito triste com isso. Quando começou a minha aula eu não tinha nem um caderno para ir para a escola. Fomos na rádio pedir uma ajuda de um caderno, um lápis e uma farda, porque no meu colégio não permite entrar sem farda. Pedi essa ajuda porque eu queria que o



prefeito me ajudasse me dando um caderno para eu não faltar à aula. Mas não me ajudaram” – possivelmente o prefeito não tenha ouvido, como eu não ouvi.

“Passei uma semana sem ir à aula, por não ter caderno. Fiquei muito triste, Presidente, porque não gosto de faltar à aula. Nós temos o Bolsa Escola, mas não corta, porque a minha mãe não foi cadastrada e a moça disse que a minha mãe tem que ir a Belém” – quem disse que tem que ir a Belém está mentindo, porque não tem que ir a Belém, o cadastro é feito na cidade.

“Minha mãe não tem condições de ir até lá, por isso peço sua ajuda. Senhor Presidente, tem dias que não temos nem o que comer. Completei 11 anos domingo passado e nós não tínhamos nada, só o amor e a alegria. Por isso, peço que Deus toque no seu coração quando ler esta carta. Por favor, nos ajude. Este é um pedido de socorro. Eu sei que você tem filhos, por isso sei que vai me atender. Somos evangélicos com muito orgulho. Tenho fé em Deus que esta carta chegue em suas mãos. Em nome de Jesus, o Deus que serve, que Deus abençoe você, sua família, seus filhos, seu endereço.”

Este aqui deve ser como milhões de casos pelo Brasil afora, deve ter milhões de casos de pessoas que procuram, que não são atendidas, e as pessoas não dão importância. Então, eu acho que, primeiro, não tem coisa mais desagradável do que uma criança não ir à escola por causa de um caderno, não tem coisa mais desagradável. Eu, esses dias... está aqui o Ministro da Educação, nem sei (inaudível), mas nós vamos conversar com a mulher ali e ver o que se pode fazer, porque o que não pode é uma criança não ir para a escola por causa de caderno. E aqui, se tiver Samu, é importante que os médicos do Samu olhem a boca dessa criança, porque se tem uma criança que está com a boca, sabe... Eu sei que por onde eu ando tem sempre uma ambulância do Samu fazendo a segurança do Presidente. Se estiver aí, dr. Kleber, é importante chamar para assumirem de consultar essa criança, porque se a irmã de 11 anos está dizendo que a boquinha da criança está podre, alguma coisa tem que ser vista aí. E também a mãe que está com uma inflamação, nós temos que ver. No mais, gente, eu li esta carta porque a



menininha estava ali, eu não iria embora sem ler esta carta.

Eu quero dizer para vocês que, ou nós investimos na educação, de fato e de direito, muito mais, cada vez, muito mais... Eu sou agradecido à Câmara por ter aprovado o Fundeb. Agora, falta no Senado. Nós temos muita coisa, nós temos algumas dezenas de anos de atraso na educação. Então, nós temos que recuperar, e recuperar muito rapidamente para que a gente possa, daqui a 20 ou 30 anos, ser uma Nação altamente desenvolvida, competitiva e ter como material de exportação, como produto, não a soja ou minério de ferro daqui, mas além de tudo isso que nós queremos ter, o biodiesel, o álcool, produtos manufaturados, nós temos que exportar o nosso conhecimento, a nossa inteligência, porque isso tem valor agregado insubstituível, isso tem valor agregado extraordinariamente valioso.

Por isso, Alex, professores, vices-reitores, professoras, estudantes, companheiros e companheiras, muito obrigado, que Deus abençoe a todos nós e nos dê coragem para continuar lutando.